

A CULTURA
TEM AUTOR
"descentralização"

União das
Freguesias de
Nossa Senhora
da Tourega



Ebora Megalithica

Centro Interpretativo dos Almendres potencia visita guiada megalítica e projeto educativo

Sira Camacho, responsável pelas visitas guiadas e pelo projeto educativo da Ebora Megalithica.



É em Guadalupe que se encontra a Ebora Megalithica, uma empresa que faz comunicação para património. Já com 15 anos de existência, este projeto ganhou particular destaque com a criação do Centro Interpretativo dos Almendres, que aconteceu cerca de uma década depois do seu início.

Situada na União das Freguesias de Nossa Senhora da Tourega e Nossa Senhora de Guadalupe, esta empresa está em foco no projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização", desenvolvido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Como já referido noutras edições, o objetivo é dar a conhecer diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

A par disso, são também abordadas temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), pondo em evidência a área da cultura.

Nesta "viagem" pela Ebora Megalithica fomos "conduzidos" pela arqueóloga Sira Camacho,

que é a responsável pelas visitas guiadas e pelo projeto educativo.

"A Ebora Megalithica começou a trabalhar em 2009 com as visitas guiadas megalíticas, que incluem o Cromeleque dos Almendres, o Menir dos Almendres e a Anta Grande do Zambujeiro", recordou, referindo que "servimo-nos das ferramentas da Arqueologia pública para comunicar para o património".

Segundo Sira Camacho, "progressivamente, começou a verificar-se que não existia qualquer tipo de estrutura que pudesse fazer a receção ao visitante aqui na enquadrante do Cromeleque dos Almendres, pelo que foi identificada essa necessidade", realçando que "os sócios na altura decidiram criar o Centro Interpretativo dos Almendres para colmatar essa falta".

Reforçou que "existia a falta de um centro de visitantes, com

wc, uma loja e principalmente com informação para as pessoas que não fazem visitas guiadas sobre a Arqueologia da região, sobretudo de Évora e do Alentejo Central, e sobre a paisagem desta zona, nomeadamente o montado, relacionando-os com os monumentos que vão ver".

A arqueóloga acrescentou que "o Centro Interpretativo dos Almendres foi inaugurado a 15 de junho de 2019 e, desde então, notámos uma diferença na afluência de pessoas que começaram a vir informar-se e têm muito gosto em passar tempo connosco".

Especificou ainda que, "essencialmente, notámos uma grande diferença em Guadalupe, nesta zona em que não havia nada, era um ermo, criámos a possibilidade das pessoas se juntarem ao fim do dia, por exemplo".

De acordo com Sira Camacho, "na zona exterior criámos um espaço com bancos e mesas de

piquenique e, às vezes, fazemos almoços temáticos", constatando que "os vizinhos passam tempo aqui connosco e criou-se uma comunidade em torno do Centro Interpretativo dos Almendres que não existia anteriormente".

Na sua opinião, "o Centro Interpretativo dos Almendres criou um espaço para a socialização das pessoas de Guadalupe, mas também para a sua interação com os turistas e, principalmente, com as crianças que aqui vêm através do programa educativo".

Explicou que "recebemos aqui grupos enormes e isto propicia uma interação entre os vizinhos, os miúdos e nós", reiterando que "criou algumas estratégias de socialização que antes não existiam".

Quanto ao trabalho que a Ebora Megalithica desenvolve, a mesma responsável adiantou que "a nossa atividade principal é a visita megalítica, que é uma visita aos monumentos megalíticos para o público em geral, guiada por arqueólogos".

Evidenciou que "a visita megalítica inclui o Cromeleque dos Almendres, o Menir dos Almendres (quando possível, porque o caminho pedestre não está com grande acessibilidade)

e a Anta Grande do Zambujeiro".

Sira Camacho sublinhou que "as pessoas aprendem um pouco sobre o que são os monumentos, o que representam para nós e têm acesso às teorias mais recentes da Arqueologia, pois o nosso objetivo é manter uma visita que está atualizada cientificamente".

Mencionou também que "a outra proposta que temos é o projeto educativo, em que trazemos as escolas ao nosso centro, onde temos um parque para fazermos as atividades".

A arqueóloga revelou que "estas atividades estão otimizadas para 5.º e 7.º anos, que é quando estudam mais a pré-história, mas podem ser ajustadas a qualquer nível de ensino", confirmando que "já tivemos miúdos de pré-escolar e de 1.º ciclo, mas também adultos e famílias que vêm fazer connosco esta aula ao ar livre".

Explicitou também que "nós munimo-nos de réplicas de materiais da pré-história, como crânios impressos em 3D sobre os homínidos da nossa evolução, e falamos um pouco sobre o que é o processo arqueológico e como é que reconstruímos a vida e, às vezes,



e Nossa Senhora de Guadalupe

A CULTURA TEM AUTOR

"descentralização"



"Com o degradar do estado da estrada, nos últimos dois anos letivos, tornou-se impossível levar os alunos ao Cromeleque dos Almendres".

o imaginário das pessoas do passado com base na cultura material".

A mesma responsável anunciou que, "depois da aula, temos sempre uma atividade de Arqueologia experimental ou experiencial, pois queremos que os nossos alunos tenham oportunidade de experimentar fazer um objeto da pré-história que utilize apenas as técnicas e os materiais disponíveis na altura, como placas de xisto, por exemplo".

Salientou ainda que "o projeto educativo também pode incluir a visita a um monumento megalítico".

A esse nível, Sira Camacho lamentou que, "inicialmente, tínhamos sempre o Cromeleque dos Almendres nessa lista, mas com o degradar do estado da estrada tornou-se impossível, nos últimos dois anos letivos, que os autocarros cheguem até lá", contando que "substituímos essa visita pela Anta Grande do Zambujeiro".

A oferta da Eborá Megalithica não se esgota com as duas propostas já apresentadas, comentando a arqueóloga que "temos ainda um outro programa, que é o que fazemos menos, até porque precisa de marcação prévia e a maioria dos nossos visitantes não marca previamente".

Trata-se dos "workshops de Arqueologia Experimental, em que trabalhamos várias temáticas como a cerâmica, talha de pedra, placas de xisto, arte rupestre com pigmentos naturais, entre outros", disse.

Destacou que "está disponível para famílias e grupos

organizados, incluindo uma parte mais teórica sobre aquilo que estamos a fazer, mas são, sobretudo, workshops para pôr a 'mão na massa'".

Sira Camacho reiterou que, "ao longo do ano, estamos a pensar criar vários workshops diferentes, que sejam periódicos, para trazer um pouco de mais movimento aqui ao parque".

A esse respeito, justificou que "o parque do Centro Interpretativo dos Almendres, por norma, está fechado, apenas é utilizado com marcação prévia, pois não havendo ninguém para acompanhar a visita não achamos que faça sentido estar aberto, pelo que os workshops são uma oportunidade para ver os nossos materiais e aprender sobre a pré-história".

E o que pode ser encontrado nesse parque? "Tem vários objetos e recursos que fazem uma alusão à pré-história e temos três estruturas habitacionais, ou cabanas, para representar cada um dos períodos da pré-história", ressaltou a mesma responsável.

Exemplificou ainda que "temos uma réplica de uma cabana que representa o período anterior à Idade do Gelo; uma tenda 'tipi', que representa a época Glaciar; e temos a nossa cabana neolítica, dos pastores e agricultores que se estabeleceram aqui na região, que construíram os monumentos megalíticos e que viveram nos povoados aqui deste território".

Direitos de autor – como proteger?

Mais uma vez, o tema dos direitos de autor foi colocado "em cima da mesa" e falámos com a nossa entrevistada sobre esta questão.

Para Sira Camacho, "os direitos de autor não implicam no nosso trabalho", explicando que "temos informação escrita nos painéis lá fora, que foi escrita por nós ou compilada por amigos, pois recorremos sempre a profissionais de cada área para toda a informação que ali temos".

Assegurou que "dizemos às pessoas para tirarem fotografias e vamos inclusive imprimir um pequeno livro com aquelas informação

porque muita gente quer levar isso para casa", garantindo que "não é uma questão que nos preocupe, pois a nossa intenção de tudo o que produzimos é que seja para o público em geral".

A arqueóloga reiterou que "somos uma empresa e, obviamente, o nosso objetivo é fazer dinheiro, mas achamos que esta informação não deve ser negada a ninguém e que deve ser de livre acesso porque conhecimento é poder", reforçando que "gostamos de capacitar as nossas comunidades e os nossos turistas".

Inteligência artificial – oportunidade ou ameaça?

O projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização" dá também atenção ao tema da IA, que marca, cada vez mais, presença em muitas áreas da nossa sociedade. Neste caso, quisemos saber, principalmente, sobre as preocupações e as vantagens para a área da cultura.

Sira Camacho confessou que "para nós ainda não há uma grande preocupação, até porque não temos qualquer tipo de material que possa ser replicado por IA".

Não obstante, coloca a possibilidade de que "se as pessoas tiverem no telemóvel um guia que seja digital, se for mais barato, se calhar, vão preferir".

Relatou que "muita gente chega aqui e diz que perguntou ao ChatGPT coisas sobre o Cromeleque

e que ficou com alguma informação, mas nada substitui o contacto humano, nem a capacidade de fazer perguntas e de ter alguém que responde, que vem de um contexto histórico, cultural e geográfico diferente".

A mesma responsável afirmou que, "até ver, tanto nas visitas guiadas, como nas aulas não temos grande preocupação com a IA porque quem vem aqui, vem para estar em comunhão com a natureza, pois este não é só um centro de Arqueologia, é um centro de natureza".

Na sua perspetiva, "quem cá vem não espera ter tablets ou grandes tecnologias, vem mesmo para usufruir e estar imerso nesta natureza", concluindo que "o nosso objetivo é 'puxar' as pessoas de volta à terra e à natureza".



Eborá Megalithica

Ficha Técnica:

Empresa que faz comunicação para património, dispendo de serviços educativos em Arqueologia e pré-história

Ano de fundação – 2009

Morada – Rua do Cromeleque – Centro Interpretativo dos Almendres, Guadalupe (Évora)

Contactos – 266 782 069 / 964 808 337 / 919 549 745

eboramegalithica@gmail.com / www.eboramegalithica.com

organização



apoio



ficha técnica

texto Marina Pardal | fotos DS e Eborá Megalithica

video Vitor Godinho

